



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

**PB, color, sépia, slide ou megapixel:
nexos de Brasília através da fotografia**

PB, color, sépia, slide or megapixel: architectural nexus of Brasília photographs

PB, color, sepia o megapíxeles diapositiva: nexo de Brasília través de la fotografía

ROSSETTI, Eduardo Pierrotti (1);

(1) Professor Doutor, Universidade de Brasília – FAU-UnB, Brasília/DF, Brasil; e-mail: eduardo_rossetti@hotmail.com

PB, color, sépia, slide ou megapixel: nexos de Brasília através da fotografia

PB, color, sépia, slide or megapixel: architectural nexus of Brasília photographs

PB, color, sepia o megapíxeles diapositiva: nexo de Brasília través de la fotografía

RESUMO

Este artigo aborda Brasília através da fotografia, dentro de uma sessão temática específica. Brasília é fotografada desde a Missão Cruls no século XIX e ainda encanta e seduz olhares de fotógrafos amadores e profissionais. Desde o princípio, Brasília foi objeto de uma ampla divulgação governamental, em que a fotografia desempenha uma função primordial, constituindo-se como vetor dos discursos de modernização do país, que através da arquitetura e do urbanismo de Brasília consagram-se como um referencial mundial. Neste artigo a fotografia é explorada como suporte para refletir sobre a cidade e suas transformações, bem como fator de reconstrução de seu significado. Para tanto, são abordados os trabalhos de alguns fotógrafos, investigando as diferentes estratégias de olhar a cidade e fazer dela um suporte para expressão plástica ao mesmo tempo em que constroem uma documentação que não possui neutralidade alguma.

PALAVRAS-CHAVE: *Brasília, fotografia, cotidiano*

ABSTRACT

This article discusses Brasilia through photography, within a specific thematic session. Brasilia is photographed from Mission Cruls in the nineteenth century and still seduces looks amateur and professional photographers. From the beginning, Brasilia was the subject of an extensive government publication in which photography plays a major role, establishing itself as a vector of the discourses of modernization of the country, through the architecture and urbanism of Brasília are consecrated as a global benchmark . In this article the picture is explored as support for reflection on the city and its transformations, as well as reconstruction of its meaning factor. To do so, examines the work of some photographers, investigating different strategies look at the city and make it a stand for artistic expression while building a documentation that does not have some neutrality.

KEY-WORDS: *Brasília, photograph, daily life*

RESUMEN:

Este artículo aborda Brasilia través de la fotografía, dentro de una sesión temática específica. Brasilia es fotografiado desde Mission Cruls en el siglo XIX y aún seduce mira los fotógrafos aficionados y profesionales. Desde el principio, Brasilia fue objeto de una extensa publicación gobierno en el que la fotografía juega un papel importante, estableciéndose como un vector de los discursos de la modernización del país, a través de la arquitectura y el urbanismo de Brasilia se consagró como un punto de referencia mundial . En este artículo se explora la imagen como un apoyo para la reflexión sobre la ciudad y sus transformaciones, así como la reconstrucción de su factor de significado. Para ello, examina la obra de algunos fotógrafos, investigando diferentes estrategias miran la ciudad y la convierten en un soporte para la expresión artística, mientras que la construcción de una documentación que no tenga algún neutralidad.

PALABRAS-CLAVE: *Brasília, fotografia, cotidiano*

1- INTRODUÇÃO

*“Fotografar é o ato de uma escolha deliberada, pessoal, intransferível (...)
Ninguém faz igual. E isso dá uma infinita probabilidade de criação.”*
Luis Humberto, fotógrafo

Brasília é fotografada desde sempre!

Brasília é registrada em fotografia desde a Missão Cruls, que no século XIX penetrou no território do Estado de Goiás para localizar o sítio da nova capital. Brasília foi exaustivamente fotografada durante todo o período heroico de sua construção, desde as primeiras movimentações de terra até sua inauguração apoteótica em 1960. Depois disso, ao longo de seu processo de consolidação, a cidade permaneceu sendo objeto de interesse de registro fotográfico sistemático, inclusive por parte do Governo Federal, sendo possível recontar a história de Brasília através das fotografias.

Desde o princípio, Brasília foi objeto de uma ampla divulgação governamental, através de transmissões televisivas e radiofônicas, passando pela veiculação oficial da revista homônima, *Brasília*, pelos filmes da NOVACAP, pelas matérias em jornais e revistas que fizeram Brasília transcender o âmbito técnico específico da construção civil, transformando o seu projeto num ícone modernizador do país, de acordo com as expectativas de seus mentores. Na complexidade deste processo, a fotografia se constitui como documento fundamental. A cidade como objeto foi explorada por fotógrafos consagrados, tais como Marcel Gautherot ou Peter Scheier, vindo a ser sistematicamente registrada pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital – NOVACAP, que tinha em seus quadros técnicos o fotógrafo Mario Fontenelle.

Ao longo de suas pouco mais de cinco décadas a cidade continua sendo fotogênica, como uma máquina de persuasão e conjunto urbanístico sedutor ao olhar. Uma vez que parece ser possível sempre ver a cidade como quem vislumbra seu estado inaugural, o impacto de sua carga simbólica continua sendo objeto de interesse de registros fotográficos —da *Rolleiflex* até as máquinas digitais de última geração— seja por fotógrafos profissionais, amadores, diletantes, jornalistas, arquitetos, moradores ou turistas. Hoje, é comum ver arquitetos do mundo todo visitam a cidade —mesmo que por alguns dias apenas— para poder ver o que já viram e experimentar espaços que somente conheciam por meio das fotografias nos livros.

Neste processo histórico, a fotografia tornou-se uma fonte de documentação imprescindível sobre a história da cidade e de sua arquitetura. As fotografias de Brasília recontam o processo de ocupação do território, as transformações deste território em cidade, bem como a ocupação humana desta cidade-capital. Entre a escala monumental da arquitetura e a paisagem, há muito registra-se com interesse os modos de vida e as atividades cotidianas da cidade, com as formas peculiares de viver que ela possibilita. Para tanto, há um importante acervo fotográfico sobre a cidade, ora arquivado e guardado em arquivos públicos, em coleções particulares, bem como nos acervos dos importantes fotógrafos que se dedicaram a registrar o hercúleo processo construtivo e o resultado inaugural da cidade, seus edifícios, os espaços urbanos e sua gente.



Ao mesmo tempo em que a fotografia constrói registros sobre os fatos urbanos e sobre as arquiteturas modernas que construíram o imaginário mundial sobre o futurismo da cidade, a fotografia também constrói discursos sobre a cidade. A fotografia é suporte para construção de discursos que apontam suposto fracasso urbanístico, estético, ideológico, etc, bem como para construção de discursos que reiteram a conquista simbólica e factual da nova cidade-capital no meio da paisagem do cerrado, o esforço sobre-humano da construção, a exuberância formal de sua arquitetura monumental. Assim, Brasília seguiu sendo fotografada e jornalisticamente permaneceu destacada, independente do regime político ou governo que — a partir dela— governava o país. Por esta razão, Brasília possui farta documentação visual que registra os acontecimentos políticos relativos ao funcionamento de uma Capital, com implicações em escala nacional. Ao longo de mais de meio século as imagens de Brasília contribuem para construção de sua identidade e de seus estigmas, tanto pelo que revelam como pelo que ocultam.

2 – ESCOLHA DELIBERADA

A presença e a fúria das imagens de Brasília é de tal ordem importante que, em meados dos anos 80, até mesmo Lucio Costa já se dedicou a instruir sobre como fotografar a cidade, a fim evitar distorções ideológicas simplistas.¹ O artigo *“Como fotografar Brasília”* é revelador da atenção e do olhar de seu criador sobre a cidade. Lucio Costa aponta a necessidade de registrar o *“convívio normal das pessoas com a beleza”*, mirando o funcionamento próprio da cidade e recomenda atenção fotográfica ao horário de *“entrada e saída”* dos funcionários dos ministérios. Lucio Costa atenta para as *“esquinas”* de Brasília, com seus cafés e bares, investindo contra um estigma atávico da cidade. Ele refuta: *“Nada de ‘contrastest’ demagogicamente escolhidos ou aspectos insólitos intencionais.”* e valoriza as pessoas: *“Caras autênticas, saudáveis, otimistas, como as que eu vi.”*

A modernidade de Brasília sempre foi avassaladora, por isso, as fotografias da arquitetura moderna de Oscar Niemeyer implantadas no Plano Piloto de Lucio Costa trasladaram das revistas especializadas em arquitetura e passaram a pautar as revistas de caráter cotidiano, vinculando a imagem da cidade a um processo em curso de modernização de toda a sociedade e da nação. As fotografias desta produção passaram a ser usadas como referência publicitária de construtoras e de produtos relacionados à construção civil, mas também serviram como referência gráfica para estimular o consumo de produtos industriais diversos (padronagem de tecidos, azulejos, estampas, etc), popularizando a imagem das formas e das linhas abstratas da arquitetura de Niemeyer, como referência plástica de maior alcance.

Tudo isso legitimou a institucionalização definitiva de estética modernista, revigorando os sentidos da modernidade alcançada pela produção arquitetônica brasileira. Como consequência, Brasília se converte num objeto privilegiado para tratar da construção de novos valores estéticos de caráter *massivo* através da fotografia de sua arquitetura. A fotografia resulta de um processo técnico que culmina num ato estético de escolha deliberada e pessoal de quem fotografa. Portanto, as fotografias de Brasília, multiplicadas através dos meios de comunicação de massa —fotografia, cinema, revista, televisão— propagam esta modernidade

¹ O texto *“Como fotografar Brasília”* de Lucio Costa foi reproduzido no jornal Folha de São Paulo, no caderno **Mais!** em 11/02/2007. vide: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1102200709.htm>



brasileira também com a finalidade de divulgar a modernidade de um projeto político que suplantaria o atraso de séculos, aceleradamente. As fotografias de Brasília deveriam revelar outra imagem de nós mesmos.

3 – INÚTIL PAISAGEM?

Fotografias são documentos que podem ser tomados para além de seu registro objetivo, configurando-se como material e fonte de investigação para novas reflexões e questionamentos. Tais questionamentos podem ser técnicos, tratando dos materiais, dos equipamentos, dos processos de construção da imagem e da revelação, etc. Mas estes questionamentos podem ser voltados para questões estéticas de construção plástica da fotografia, incluindo o assunto, o enquadramento e tudo que se refere ao que uma dada fotografia recortou e registrou, num lugar e num tempo histórico.

Neste sentido, a recente produção bibliográfica dedicada a organizar e a publicar fotografias de Brasília se configura como um fenômeno surpreendente e alvissareiro. A partir do momento em que a publicação de fotografias guardadas em arquivos públicos, bem como de registros fotográficos particulares, de caráter inédito, se tornam públicos —incluindo aí as exposições— novas leituras e novas abordagens podem ser construídas, revigorando ou desmontando visões já consolidadas sobre a fotografia de Brasília. Na medida em que todas estas fotografias se tornam públicas e adquirem ampla divulgação e possibilidade de fruição, elas também se convertem em fonte de pesquisa para miríades de objetivos: acadêmicos, jornalísticos, literários, plásticos, ideológicos...

Dentre os títulos desta produção bibliográfica, destacam-se:

- "*Arquivo Brasília*"
- "*As construções de Brasília*"
- "*Brasília – Marcel Gautherot*"
- "*Luis Humberto – do lado de fora da minha janela, do lado de dentro da minha porta*"
- "*Brasília, uma arquitetura familiar*"
- "*Brasília sob o olhar de Jesco*"

Enquanto que das exposições recentes que abordam relações entre fotografia e Brasília destacam-se:

- "*O passageiro da esperança. Retratos de seu tempo*" sobre Mario Fontenelle;
- "*Brasília-Chandigarh – patrimônio moderno*"
- "*Metabrasília*"
- "*Fotografias de Joaquim Paiva*"
- "*Brasília 50 anos*"
- "*Subterrâneas passagens*"

Trata-se, pois, de um amplo e heterogêneo conjunto de imagens fotográficas sobre a cidade. Longe de qualquer interesse em reduzir as perspectivas, diante desta enorme quantidade de olhares, e de suas latentes forças, é possível, justamente, ampliar as visões sobre a cidade. Diante de novos conjuntos de fotografias, o referencial imagético sobre a cidade pode se transformar radicalmente. Assim, torna-se possível empreender análises sobre valores



estéticos das fotografias, tratar de questões políticas, reavaliar aspectos antropológicos, refletir sobre arquitetura moderna, especular aspectos técnicos da construção, explorar aspectos da vida cotidiana ou ainda especular questões da história brasileira.

Para além das fotografias que exploram a plasticidade arquitetural das coisas construídas em escala monumental, as fotografias de Brasília registram aspectos gregários e citadinos, especulando sobre os modos de ser e estar na cidade; os modos de ser, estar e viver numa cidade moderna, uma cidade tombada e patrimônio da humanidade, com apenas 50 anos. Mais que registros e memórias, este vasto conjunto de fotografias de Brasília também deve ser tomado criticamente, atento ao que efetivamente se transforma, contrapondo-se ao que supostamente se perdeu. Talvez assim, tomadas como fator para construção de novas perspectivas sobre a cidade, tais fotografias auxiliem a encarar o presente.

Como objeto e assunto fotográfico, Brasília já superou há muito tempo o foco de interesse exclusivo no jogo do poder de seus palácios e mandatários. Se por interesse jornalístico um palácio, uma repartição, um restaurante ou uma personalidade da capital atraem a atenção, trata-se de algo mais momentâneo que constante. Nas últimas décadas há uma frequente avalanche de imagens da cidade, como decorrência inerente de dinâmica política democrática em que a posse de presidentes mobiliza todas as atenções midiáticas. Em paralelo a isso, a cidade-capital vive seu cotidiano. É diante desta tensão entre o monumental e o cotidiano, que a fotografia de Brasília vem sendo reinventada. Tal fato desarticula uma verdade decantada pelo senso comum, de que fotografar Brasília seja algo desnecessário e, aparentemente, já esgotado.

Há muitas possibilidades de exploração da fotografia atual de Brasília crescendo justamente nas perspectivas de revelar e fazer ver os aspectos cotidianos da vida urbana na cidade e em seus espaços, captados durante a vivência rotineira de seus espaços e de seus lugares. Como em qualquer cidade, fotografar esta Capital se converte num exercício de percepção e de convivência com a cidade, em que é preciso estar em movimento entre a monumentalidade dos espaços cívicos e o intimismo das superquadras, em que a escala gregária se mostra intensamente urbana, enquanto sua instância bucólica se evidencia sem nostalgia. Neste processo de convivência com a cidade e seus espaços, percebe-se seus fluxos urbanos, sua topografia e sua paisagem, interagindo com os códigos culturais que permeiam a vida urbana, encarando uma cidade ainda incompleta. Circulando pela cidade, outras Brasília se revelam, outras paisagens são percebidas, outros usos e outras imagens emergem, subvertendo uma lógica urbana dedutível, desmistificando suas aparências e desmontando seus estigmas. É preciso conhecer para desmistificar. É preciso fotografar Brasília para conhecer a cidade e assim, fotografar se configura como uma estratégia de reconhecer a cidade-capital e reinaugurar seus significados atuais.

4 – CÂMERA, TRIPÉ E PACIÊNCIA: 7 OLHARES FOTOGRÁFICOS

Se ao longo de toda sua existência Brasília vem sendo fotografada, vale então olhar a produção de alguns fotógrafos que permitem definir um panorama de sete olhares diferentes sobre a cidade, seus edifícios, espaços, pessoas e a paisagem.



O nome de **Marcel Gautherot** deve ser um dos primeiros nomes que se lembra quando o assunto fotografia/Brasília. Contratado como fotógrafo das obras de Oscar Niemeyer durante a construção da cidade, Gautherot produziu um material valioso sobre a presença de uma arquitetura moderna na ampla paisagem em mutação do cerrado tornando-se cidade. Gautherot fotografou as estruturas em concreto sendo forjadas, em suas formas de madeira, as ferragens, as estruturas dos ministérios e o canteiro de trabalho da futura Esplanada. Impressiona o uso dos contrastes entre o preto o branco, em potentes tons de cinza para acentuar as formas dos edifícios. Depois, ele fotografou os palácios prontos, com o mármore brilhando e ainda vazios. Gautherot também registrou os trabalhadores, quase que posando para sua lente, capturou a ocupação da Sacolândia e da Cidade Livre. Sua lente consagrou imagens da cidade pronta, ainda com pouco gente, ou dos palácios ocupados com poucos funcionários. O sistema viário, as infraestruturas urbanas não escaparam de seu olhar, assim como a presença de obras de arte monumentais em espaços representativos da uma capital. A fotografia da Esplanada vista da Torre de TV, com os jardins e equipamentos que foram retirados pela ampliação da via W3 se constitui como um documento imprescindível da história da cidade.

Já com uma predisposição menos técnica, mas não menos sensível, o fotógrafo da NOVACAP, **Mario Fontenelle** se destaca no conjunto de fotógrafos de Brasília por tratar o fator humano em detrimento do monumental e do arquitetônico. Candangos sendo transportados em caminhão, candangos chagando com suas malas e tralhas e os candangos comemorando a inauguração foram registrados, assim como aeromoças, vendedores e visitantes. Ele registrou o hospital pioneiro (HJKO), a Praça e a construção do Congresso e a Catedral com suas estruturas incompletas. Contudo, ao olhar para o cerrado e par ao processo de ocupação do solo ele fez sua fotografia imprescindível para a história da cidade: o registro do cruzamento de dois eixos rasgando o cerrado, demarcando um lugar na paisagem.

Luis Humberto, por trabalhar junto ao cotidiano político dos palácios, fotografou todo mundo: JK, Darcy Ribeiro, Figueiredo, Delfin Neto, Tancredo Neves, Lula, Lucio Costa. Ao mesmo tempo, da janela de seu apartamento, ele explorou coisas simples e cotidianas que esse enquadramento poderia sugerir, desde crianças de bicicleta, crianças brincando, pessoas da quadra, seus filhos... E seus filhos subindo e engatinhando nas colunas do Supremo Tribunal Federal, coisa proibida hoje em dia! Da cidade em construção constante ele registrou a colocação dos blocos do painel de Athos Bulcão no Teatro Nacional; pintores em andaimes terminando um bloco, superfícies e texturas de piso e cores contra o céu azul que predomina. Pelo contraste humano, plástico e sensível, destaca-se a foto da mãe e seus três filhos andando na calçada geométrica que se contrapõe a vermelhidão da terra do cerrado devastado.

Longe do chão, João Facó realizou um ensaio extraordinário de fotografias aéreas de Brasília, numa variação de alturas que revelam conjuntos urbanizados sobre o território reconstruído e transformado para receber a cidade. O contraste da presença do Lago Paranoá é marcante, assim como as vastas extensões de área verde e as extensões de terras para além do Plano Piloto. Mesmo com as tecnologias atuais, as fotografias de Facó possibilitam ver em conjunto a ocupação e as áreas não usadas do Plano Piloto no começo deste século, configurando uma documentação ainda a ser explorada. Na mesma perspectiva aérea de ver e registrar a cidade, o trabalho recente de Bento Viana acentua uma dimensão não natural de ver a cidade, o



território e sua ocupação. Contudo, Bento explora diferentes alturas, aproximando-se mais do chão, tal como um voo rasante, ele aproxima a câmera da escala monumental e revela ângulos imprevistos do conjunto arquitetônico da cidade. Deste modo, seu olhar recupera quão construída é a cidade e como seus edifícios envelhecem em meio a paisagem, com surpreendentes *skylines* vistos de dentro da cidade. Se a aproximação revela as inúmeras piscinas, por outro lado ele enxerga pessoas usando a cidade entanto flana sobre nossas cabeças. Destaca-se a foto do Eixo Rodoviário-residencial, o Eixão, com sua potencia verde sendo cortada pela precisão geométrica das vias que definem a forma urbana do Plano Piloto de Brasília.

Numa dimensão mais intimista, explorando meandros da memória de quem cresceu no Plano Piloto e de quem, mesmo assim, se surpreende com a cidade, Usha Velasco constrói um repertório de imagens emocionantes a partir de seu cotidiano como moradora de uma superquadra. As calçadas, as pichações, os bancos, as faixas de pedestre, os cobogós, as árvores. As sombras das árvores, as raízes das arvores e suas tramas sobre o chão, as pessoas na faixa de pedestre, o que se vê através dos cobogós, os bancos, as calçadas incompletas, as texturas de concreto das calçadas e as flores que o outono deita sobre elas. Moradores, transeuntes, crianças, gente de bicicleta, lixeiros, vendedores, a costureira... pessoas da quadra, da superquadra, de Brasília. Graficamente bem compostas, ela explora com sensibilidade até mesmo as letras que identificam os blocos —A, B, C... J, K. Há uma delicadeza contundente que seu olhar aponta para ver a cidade, que sua própria sombra ou a escala de seus pés devolvem como uma constante humanidade que imanta das coisas. Numa experiência ainda mais intimista, Leonardo Wen explorou a plasticidade dos apartamentos das superquadras, mostrando contrastes de uma dimensão nada monumental, ao mesmo tempo carregada de vigor, tempos e histórias, recuperando o sentido de envelhecimento das coisas e o envelhecimento de apartamentos modernos. Sem trabalhar o retrato dos moradores, ele constrói camadas que retratam as transformações estéticas, beirando o *kitsch*, a fim de desmontar o viço da modernidade inaugural de Brasília.

5 – REVELAÇÃO

Hoje, diante das tecnologias que fazem com que cada um de nós se converta num ser fotográfico, a cidade, seus edifícios, os lugares e as pessoas se tornam fundo ou figura para um olhar fotográfico. Tudo parece importante, quando talvez nem tudo seja, de fato, importante. A facilidade dos meios técnicos de fotografar ampliou exponencialmente a quantidade de fotografias que são feitas de Brasília, de outras cidades, de tudo. Registrar já não é mais lembrar, nem tampouco querer fazer perdurar. Seguramente, estamos diante de novos paradigmas no uso e dos significados da fotografia.

Assim, as fotos de Brasília possibilitam pensar nas transformações da cidade, mas também pensar sobre na construção de novas imagens da mesma cidade, superando estigmas com novos olhares entre os extremos da veneração e do desprezo; do sucesso e do fracasso. Longe da contradição fácil, as fotografias de Brasília tornam possível recobrar sua modernidade inaugural, mas também se constituem como documentos para pensar sobre a complexidade de suas condições atuais de conservação —já que possui tombamento urbano— e como



espaço para uma vida urbana comum. Já não interessa mais tanto ao olhar fotográfico a escala monumental da cidade, que foi tão explorada e formatou uma imagem definitiva da cidade. Interessam todas essas nuances que os fotógrafos veem registrando.

Eis aqui a questão vivaz que a fotografia de Brasília, particularmente, condensa. Na medida em que a fotografia constrói um discurso sobre as coisas e esta cidade-capital é objeto de interesses diversos, torna-se possível reforçar mitos, exagerar os contrastes, desfocar os interesses e enquadrar a diversidade. Tomada como documentação crítica e como suporte para reflexão, a fotografia pode transformar Brasília em bendita e/ou maldita —como a “*Geni*” da música de Chico Buarque— tornando-a anacrônica, moderna, humana, horrível, poética, lírica, funcional, bucólica, provinciana e tudo mais que se queira atribuir a cidade. Para Brasília, a fotografia é o instrumento fundamental para reconstruir a imagem da cidade que foi construída, justamente, através da fotografia.

Brasília continua sendo fotogênica, mas não tem uma imagem definitiva. Ao mesmo tempo, Brasília paira na imaginação nacional como cidade-poder, com duas cúpulas e duas torres verticais, infinitamente registradas como coisas absolutas, num certo lugar, fotografadas em PB, color, sépia, slide ou megapixel.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Débora. **Brasília, uma arquitetura familiar**. Brasília: Círculo de Brasília, 2011.
- As construções de Brasília**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010.
- Brasília – Marcel Gautherot**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- Brasília sob o olhar de Jesco**. Goiânia/Brasília: Editora UFG & Fundação Assis Chateaubriand, 2000.
- CATALDO, Beth & RAMOS, Graça (Org.). **Brasília aos 50 anos. Que cidade é essa?**. Brasília: Tema Editorial, 2010.
- Coleção Arte em Brasília: cinco décadas de cultura**. Brasília: Instituto Terceiro Setor, 2012; 10 volumes;
- COSTA, Lucio. **Registro de uma vivência**. Rio de Janeiro: Empresa das Artes, 1995.
- COSTA, Lucio. “*Como fotografar Brasília*” in Folha de São Paulo, caderno **Mais!**, 11/02/2007. vide: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1102200709.htm>
- FACÓ, João. **Nas asas de Brasília**. Brasília: 1800arte Editora, 2003.
- HUMBERTO, Luis. **Luis Humberto – do lado de fora da minha janela, do lado de dentro da minha porta**. Fortaleza: Tempo d’Imagem, 2010.
- OLIVEIRA, Marcio de. **Brasília: o mito na trajetória da nação**. Brasília: Paralelo 15, 2005.
- ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. **Arquiteturas de Brasília**. Brasília: Instituto Terceiro Setor, 2012.



ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. Ensaio fotográfico "*Brasília: mais do mesmo*". Publicado no *Portal de Arquitetura Vitruvius* (março/2010):
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/04.037/3414>.

Vienna Memorandum. in BANDARIN, Francesco e VAN OERS, Ron. **The historic urban landscape. Managing heritage in an urban century**. Londres: Wiley-Blackwell, 2012. p.203-208.

WESELY, Michel e KIM, Lina. **Arquivo Brasília**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.